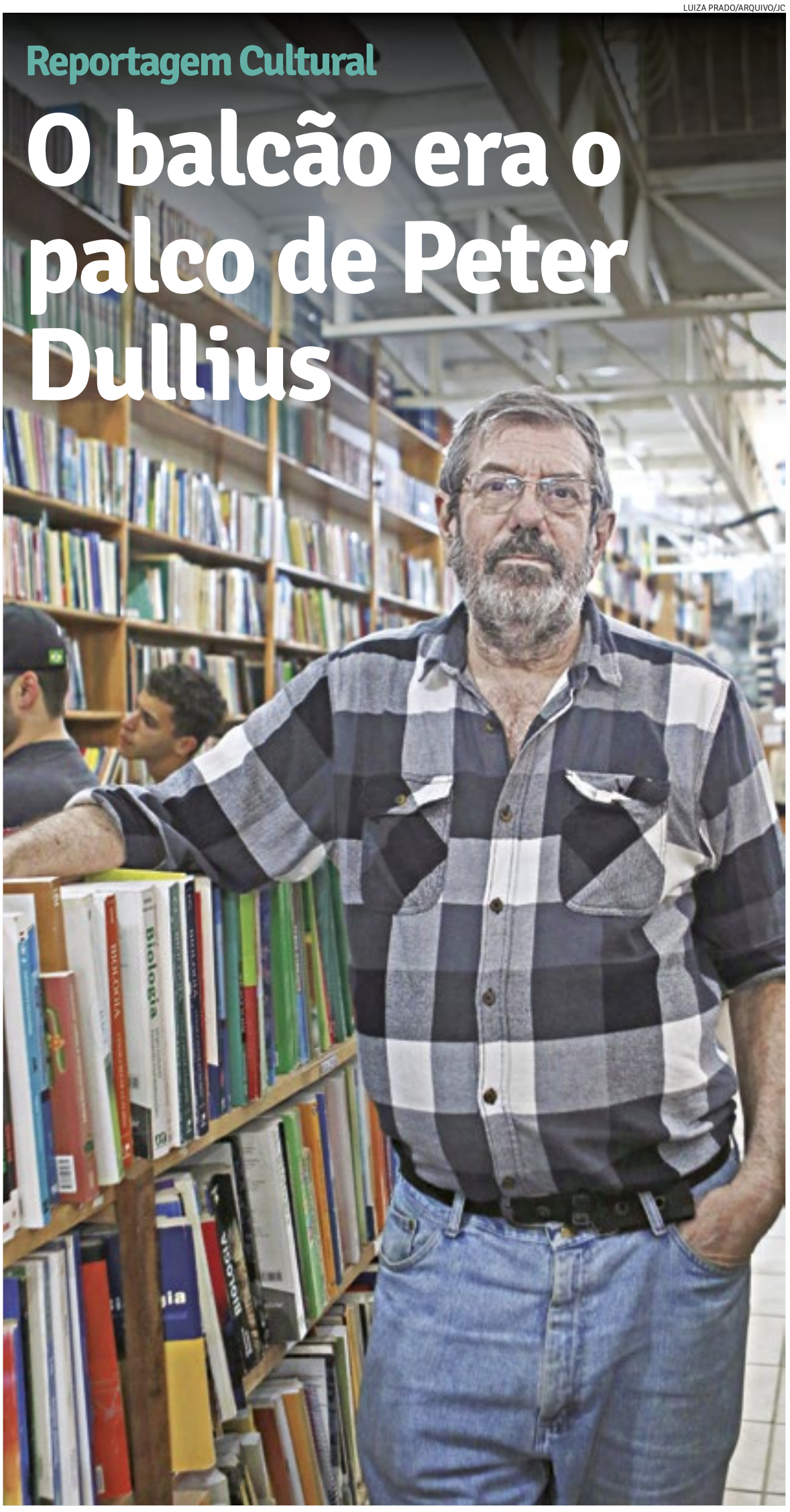
viver.

Porto Alegre, 19, 20, 21 e 22 de novembro de 2026 - Nº 15 - Ano 31

Caderno semanal do Jornal do Comércio

LUIZA PRADO/ARQUIVO/JC



À frente do Beco dos Livros, o livreiro fez de seus sebos no Centro de Porto Alegre lugares de conversa e encontro

Reportagem Cultural

O balcão era o palco de Peter Dullius

Rafael Gloria, especial para JC

Em junho deste ano, Peter Dullius foi a Brasília para uma festa de família que também celebraria seu aniversário. Os filhos que moravam longe estariam lá. Gustavo, o caçula, reside e trabalha na capital do País desde 2010, e Melissa é artista radicada na Alemanha há quase 20 anos. Era uma oportunidade de reunir os três irmãos com o pai, já que Guilherme, o primogênito, também iria. Peter aceitou o convite, mas havia uma condição: a viagem precisava caber no intervalo de seu trabalho no Beco dos Livros. Ele participou da comemoração na sexta-feira e voltou a Porto Alegre no dia seguinte para abrir a loja da Rua dos Andradas.

Os filhos contam que Peter havia se acostumado a receber o público dos fins de semana e não queria faltar. Ele dizia que aos sábados, domingos e feriados, o público normalmente era diferente daquele que percorria o centro da cidade a trabalho. Formado por famílias do Interior, turistas, grupos de amigos, crianças que, possivelmente, entravam pela primeira vez em uma livraria. Gremista, Peter costumava ir aos jogos, mas desde a época da pandemia tinha parado de frequentar o estádio. "Mesmo que o convidasse, no sábado ou no domingo, ele preferia ir à livraria", diz Guilherme.

Melissa aponta a importância do encontro. "Nós conseguimos passar o último aniversário do pai com ele. Foi lindo. O aniversário do pai foi na festa, à meia-noite. Então se cantou parabéns e tudo. Foi muito súbito. Ele não estava doente", diz.

João Pedro Dullius nasceu em Cruzeiro do Sul, no Vale do Taquari, em 1950. Formou-se em Economia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e trabalhou no Badesul até se dedicar integralmente aos livros. Em 1992, ele e Neiva Maria, então sua esposa, deram início ao Beco dos Livros. A pequena loja da General Vitorino cresceu até se tornar uma rede de sebos conhecida por gerações de leitores de Porto Alegre. Neiva e os três filhos participaram do trabalho. Guilherme permaneceu livreiro. Melissa seguiu para a arte, Gustavo tornou-se servidor público.

Uma curiosidade sobre como João Pedro virou Peter. A origem do apelido, conforme Gustavo, está no começo da vida profissional. "Quando ele chegou em Porto Alegre, no primeiro emprego já havia outros João Pedros, aí ele foi apelidado de Peter e pegou", diz. Só para constar, Peter é a versão em inglês e alemão do nome Pedro.

O balcão era o palco de Peter, dizem os filhos. Havia uma disposição para conversar com quem chegasse, descobrir um assunto, provocar uma reação. A desenvoltura costumava vir sempre acompanhada de um interesse genuíno pelas pessoas. "Então, não é uma metáfora: era realmente o palco. Ele não conseguia ficar longe, porque ali ele aprendia e recebia das pessoas também", diz. Alguns assuntos que Peter compartilhava com entusiasmo podiam ser a visita de uma professora com uma turma de alunos ou de alguém que conhecera na infância e que retornava para o sebo atrás de livros.

Peter morava no Centro e o percurso entre as lojas fazia parte do seu cotidiano. Limpava exemplares, colava capas, colocava preços. Para essa última tarefa, tinha um verbo próprio: 'preciar'. Havia sempre algo a fazer e alguém com quem conversar. Morreu aos 76 anos, em 22 de setembro, quando atravessava a rua Riachuelo com livros nas mãos, a caminho de uma de suas lojas.

A dimensão pública da sua presença surpreendeu os filhos depois da morte. Milhares de mensagens de pessoas em redes sociais, que se lembravam de uma conversa, de uma indicação de leitura, de um livro comprado. Os filhos precisaram aprender a dividir o luto com as lembranças daqueles que também reconheciam em Peter alguém próximo.

Falante no atendimento, ele era discreto sobre si. Melissa diz que não costumava contar como se sentia. Podia passar o dia entre conversas e, ainda assim, preservar uma vida interior pouco acessível. Para entendê-lo, talvez, era preciso também acompanhar o que fazia: as livrarias que construiu, as pessoas que recebia com interesse, o trabalho ao qual regressava. A vontade de estar atrás do balcão havia mudado a vida dele e, desde o início, a de toda a família.

Leia mais na página central

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

No caminho de Macunaíma

Macunaíma, o herói sem nenhum caráter é obra de Mário de Andrade de 1928, no apogeu no movimento antropofágico modernista brasileiro. *Macunaíma*, embora fosse considerado por seu autor como sua obra de referência, não teve sucesso crítico imediato. Passaram-se algumas décadas e só depois da morte de Mario de Andrade é que estudos como os de Cavalcanti Proença e de Antonio Candido evidenciaram a importância da obra. Nas décadas de 1960 e 1970, com a ênfase do tropicalismo, o cinema brasileiro recriou o texto, em filme assinado por Joaquim Pedro de Andrade, sendo Macunaíma interpretado por Grande Othelo, uma façanha. Na mesma época, o diretor Antunes Filho realizou uma brilhante montagem do texto, que chegou a circular pelo exterior. Hoje em dia, *Macunaíma* é um clássico, atraindo leitores e artistas de variadas expressões, que buscam recriar o herói sem nenhum caráter, uma espécie de estereótipo da condição brasileira.

A chamada "rapsódia", como Mario de Andrade se referia à obra, graças à mescla de gêneros e temas populares, sem uma forma mais definida, caracterizada pela mistura de elementos, continua fascinando.

É o caso do diretor Igor Pretto que, com a coreógrafa Rita Rosa, recriaram a narrativa em dança. Seis bailarinos, todos negros, incorporam Macunaíma, Ci, o gigante malévolo Piaimã (encarnação do capitalismo urbano), Maanape (que vira um homem amarelo) e Jiguê, que permanece preto, por ter-se apenas molhado levemente, enquanto Macunaíma, agora branco, segue para a grande cidade de São Paulo.

A principal qualidade desta adaptação foi a sensível percepção dos realizadores sobre a mescla entre as tradições indígenas e africanas: afinal, Macunaíma nasce na selva amazônica, mas nasce preto. É assim que Mario de Andrade representa as três raças que formam o Brasil. Piaimã é a condição social da exploração capitalista do País, cuja consciência vai se consolidando ao final da década de 1920 e começos da década de 1930 (daí o romance realista nordestino, por exemplo, ou o ciclo do romance urbano no Rio Grande do Sul).

Com pouco mais de uma hora de duração, o espetáculo é extremamente criativo, com projeção de videografias de Gabriel Pontes, iluminação de Fabi Santos, especialmente criativa e dinâmica, permitindo magicidade e plasticidade às imagens que mesclam os atores e as projeções, numa simbiose muito bem construída.

Pedro Coelho, Abissau-L, Binho Rodrigues, Richard Jones, Luisa Dias Rosa e Kátia Kalinka são os bailarinos intérpretes cuja presença se dilui e reaparece em meio às sombras da cena. O jogo coreográfico, apesar da preparação corporal de Eva Schul é, talvez, o elemento menos bem resolvido de todo o espetáculo, talvez em parte devido à própria coreografia, que poderia ser mais criativa e exigente. Em parte, a preocupação narrativa do espetáculo atrapalhou seu resultado final; ao narrar e recriar o enredo, o espetáculo acabou preso a uma logicidade que não é a característica do texto literário. Se o espetáculo tivesse se desdobrado mais poeticamente, talvez atingisse melhor resultado. Mas, atenção, isso não invalida, em absoluto, a experiência, a dedicação e a inventividade do grupo. Há um cuidado constante em todo o trabalho, e a junção entre as imagens projetadas e os atores em cena está excelentemente bem resolvida, ainda que apresente evidente dificuldade. Financiado pelo edital do Pro Cultura do Rio Grande do Sul e o edital de ocupação de teatros da Prefeitura Municipal, o espetáculo se justifica por si mesmo: na curta temporada, teve apenas um sessão dirigida aos estudantes, mas deveria ter maiores oportunidades para este encontro. Tenho certeza que a gurizada ia gostar muito do trabalho.

Esta montagem não é nem só teatro, nem só dança, nem só espetáculo visual: é de tudo um pouco, e aí está seu interesse

É muito bom se ver o esforço, independente do resultado final, de um grupo de artistas em serem inventivos, criativos e ousados, no sentido de sair do lugar comum e inventarem novos objetos artísticos. Como o texto literário original, este *Macunaíma* não é nem só teatro, nem só dança, nem só espetáculo visual: é de tudo um pouco, e isso é que faz dele um trabalho interessante, que deve ter mais oportunidades para ser levado à cena.

acontece

UNITED ARTISTS/REPRODUÇÃO/JC



Concebido e interpretado por Stallone, Rocky Balboa tornou-se um símbolo do sonho americano

50 anos de *Rocky, um lutador*: uma obra que redefiniu os EUA, Sylvester Stallone e o cinema

Andressa Pufal

Há cinco décadas, um boxeador pobre e desconhecido da Filadélfia enfrentava o campeão mundial e não ganhava. Mas tentou e foi até o fim – e talvez isso seja o mais importante. Em 21 de novembro de 1976 acontecia, em Nova York (EUA), a *première* de *Rocky, Um Lutador*, uma jornada do herói que encapsula como poucas o sonho americano - e que completa 50 anos ao mesmo tempo em que os EUA celebram 250 anos de independência.

O clássico escrito (em três dias e meio!) e estrelado por Sylvester Stallone ajudou a reconstruir uma nação abalada pelo Vietnã e pelo escândalo de Watergate. Da mesma maneira, *Rocky* também reconstruiu um homem. Apesar de baseado na história real do boxeador Chuck Wepner – conhecido por levar à lona o lendário Muhammad Ali, mesmo perdendo a luta no final –, a vida de Rocky Balboa é muito inspirada na trajetória do próprio Stallone. Nos anos 1970, ele era um ator desconhecido, com sérios problemas financeiros. Anos após o sucesso do longa, Stallone lembrou que teve que vender seu cão Butkus por US$ 50,00 porque não conseguia sustentá-lo. O cachorro, que aparece na franquia, foi comprado de volta por US$ 15 mil, depois de Sylvester vender o primeiro roteiro de *Rocky*.

Além das questões financeiras, outra motivação foi sua complicada relação familiar. Em seu livro *The Steps*, lançado em setembro deste ano, o ator conta que parte de sua determinação para fazer o filme foi o desejo de dar orgulho a seus pais, Jackie Stallone e Frank Stallone Sr. "Quando era jovem, sempre quis ser abraçado pelos meus pais. Infelizmente, parecia que eu não conseguia fazer nada para que isso acontecesse", escreveu. "Fazer *Rocky* era a única coisa em que eu conseguia pensar que talvez pudesse fazer esse milagre".

Stallone chegou a recusar propostas milionárias pelo roteiro, por não ter garantias de que ele próprio encarnaria o boxeador.

O longa teve de ser rodado com orçamento de cerca de US$ 1 milhão e o diretor John G. Avildsen teve apenas 28 dias para as filmagens. Uma das cenas inesquecíveis do longa, em que Rocky e Adrian conversam sobre uma pista de gelo num ginásio vazio, foi fruto da necessidade - afinal, não havia dinheiro para pagar a figuração.

Superando ele próprio o orçamento enxuto, o filme foi um sucesso da noite pro dia. Arrecadou mais de US$ 225 milhões e tornou-se a maior bilheteria do ano. *Rocky* transformou Stallone em um astro mundial e recebeu 10 indicações ao Oscar. Levou três: Melhor Edição, Melhor Direção e Melhor Filme, em uma vitória que desbancou títulos como *Taxi Driver*, *Todos os Homens do Presidente* e *Rede de Intrigas*.

O sucesso foi tanto que a história acabou se tornando uma franquia, com cinco sequências estreladas por Stallone, três filmes da série *Creed*, protagonizados por Michael B. Jordan, e, em breve, *Delphi*, série produzida por Jordan, dará continuidade à história do filho do campeão Apollo. Neste 19 de novembro, chega às telonas *Eu Sou o Rocky*, filme que vai contar um pouco mais da história da produção do longa.

Outro ponto alto do filme é a trilha sonora. *Gonna Fly Now*, de Bill Conti - que toca na corrida do boxedor pelas ruas da Filadélfia - virou hino de superação no imaginário popular. Ao fim do longa, outro clássico, *Going the Distance*, embala a derrota do Garanhão Italiano para o campeão Apollo Creed. Com o rosto ensanguentado, Rocky não parece muito interessado no cinturão, mas em gritar por Adrian. Enquanto o público esperava um campeão, o boxeador mostra que vencer às vezes significa não desistir e encontrar alguém para lutar junto as batalhas diárias da vida.

viver

Editor-chefe: Guilherme Kolling
Diagramação: Gustavo Van Ondheusden e Ingrid Muller

Editor de Cultura: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

Publicação do Jornal do Comércio de Porto Alegre
Av. Ipiranga, 6681 - Tecnopuc - Prédio 99 - 4º andar | Fone: 3213-1300

fique ligado

Nando Reis guardou o amor para todos nós

O cantor e compositor Nando Reis se apresenta nesta quinta-feira, às 21h, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), com a turnê *Pra Você Guardei o Amor*, que destaca a faceta mais romântica de sua obra e percorre diferentes momentos de uma trajetória de mais de quatro décadas. O show é concebido como uma celebração das canções sobre encontros, despedidas, paixões e afetos, e reúne sucessos recentes e releituras de clássicos que marcaram a vida do artista. No repertório, *Pra Você Guardei o Amor*, *Relicário*, *Por Onde Andei*, *De Janeiro a Janeiro*, *N*, *All Star* e *Segundo Sol*, além de faixas do trabalho de estúdio mais recente. Restam pouquíssimos ingressos, que custam entre R$ 160,00 e R$ 560,00, com venda pelo Sympla.

Nando sobe ao palco com a banda e com a percussionista Lan Lanh, parceira musical de longa data. A direção artística e visual da turnê é de Batman Zavareze, que já trabalhou com Marisa Monte, Zeca Pagodinho e Planet Hemp. Ex-integrante dos Titãs, Nando tem mais de uma dezena de álbuns, dois Grammys Latinos e canções gravadas por artistas como Cássia Eller, Skank e Marisa Monte. Nos últimos anos, revisitou a obra em projetos especiais, celebrou os 60 anos e lançou um álbum quádruplo de inéditas.

LEO AVERSA/DIVULGAÇÃO/JC



Compositor vai celebrar sua faceta romântica no Araújo Vianna

Consumo e cultura negra em nova exposição no MAC RS

O Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC RS) inaugura nesta quinta-feira a exposição *Lojas Africanas: Black Power Friday*. A mostra ocupará a Galeria Sotero Cosme, no 6º andar da Casa de Cultura Mario Quintana, reunindo trabalhos de 15 artistas de diferentes gerações, propondo reflexões sobre consumo, identidade e representações da cultura negra. A entrada é gratuita e a visitação segue até 31 de janeiro de 2027, de terça-feira a domingo e feriados, das 10h às 19h.

Em 2026, o projeto *Lojas Africanas*, idealizado pelo artista Leandro Machado, completa 22 anos de trajetória. Ao longo desse período, tornou-se conhecido pela circulação de sua marca serigrafada em camisetas e sacolas, além de participar de exposições de artes visuais. A nova mostra do projeto busca associação com redes de varejo e a Black Friday, buscando questionar e inverter sentidos associados a práticas de consumo e à sociedade capitalista como um todo.

SALVADOR/DIVULGAÇÃO/JC



Obra assinada por Salvador faz parte da mostra *Lojas Africanas: Black Power Friday*

Sempre é tempo de rock gaúcho

O festival *É Tempo de Rock* chega à segunda edição neste sábado, a partir das 20h30min, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), com o tema *Rock Daqui*. O *line-up* reúne o TNT, que celebra 40 anos com a turnê *TNT I – Ponto Zero*; a Reação em Cadeia, com o projeto comemorativo *25 Vezes Reação*; os Eternos Cascavelletes, que também marcam 40 anos de carreira; e a Bandaliera, que sobe ao palco com convidados especiais em show exclusivo. O evento coloca no mesmo palco diferentes gerações que ajudaram a construir a identidade do rock gaúcho ao longo das últimas quatro décadas, com canções que seguem na memória afetiva do público. Ingressos entre R$ 80,00 e R$ 540,00 pelo Sympla.

A Fresno não aprendeu a dizer adeus (ainda bem)

A banda Fresno se apresenta nesta sexta-feira, às 21h, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), com a turnê do álbum *Carta de Adeus*, lançado em abril. O show traz os destaques do 11º disco da banda, como *Eu Não Vou Deixar Você Morrer*, *Carta de Adeus (Bye Bye Tchau)*, *Tentar de Novo e de Novo* e *O Cantor e o Taxista*, além de sucessos como *Cada Poça Dessa Rua Tem Um Pouco de Minhas Lágrimas*, *Redenção*, *Infinito* e *Quebre as Correntes*. Ingressos entre R$ 140,00 e R$ 480,00, no Sympla.

Formada em Porto Alegre, em 1999, a formação atual da Fresno conta com Lucas Silveira (vocal e guitarra), Gustavo "Vavo" Mantovani (guitarra) e Thiago Guerra (bateria). Em *Carta de Adeus*, o grupo buscou uma sonoridade mais orgânica, incluindo a utilização de equipamentos analógicos de estúdio. A noite ainda conta com o show de abertura do conjunto porto-alegrense Rugby Brasileiro.

AGENDA

QUINTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO

A partir das 10h - Abertura da exposição *Pintar para (Re)existir*, de Pamela Zorn, que celebra a pluralidade das identidades negras em Porto Alegre. Terça a sábado, 10h às 18h, até 13 de dezembro. Livre.

19h - Flerte Flamingo apresenta a turnê *Dói*, do primeiro álbum *Dói Ter*, pela primeira vez em Porto Alegre, no Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). R$ 30,00 pelo Sympla.

20h - Pianista espanhola Lucía Rey combina flamenco, jazz, blues e música clássica no Instituto Ling (João Caetano, 440). R$ 60,00, à venda no site e na bilheteria do centro cultural.

20h - Espetáculo antirracista *Menina de Tranças e Cabelos Brancos*, com Lilian Rocha e Deborah Finocchiaro. No Teatro Bancários RS (Fernando Machado, 820). A partir de R$ 25,00 no Sympla.

21h - Maurício Chaise no Ocidente (Osv. Aranha, 960). Autorais dos Locomotores e rock BR anos 70. A partir de R$ 30,00 no Sympla.

21h - Banda Roda Viva presta homenagem a Chico Buarque no Grezz (Alm. Barroso, 328). A partir de R$ 20,00 no Sympla.

22h - Mãeana apresenta o espetáculo *Mãeana canta JG*, misturando a bossa nova de João Gilberto com o piseiro de João Gomes no Opinião (José do Patrocínio, 834). A partir de R$ 65,00 pelo Sympla.

23h30min - Banda Colomy apresenta pela primeira vez em Porto Alegre o álbum *Pra Quem Andou Perdido*, em um *after* do show de Nando Reis, na Rádio Agulha (Cristóvão Colombo, 545). A partir de R$ 30,00 pelo Sympla.

SEXTA-FEIRA, 20 DE NOVEMBRO

19h - Emicida e DJ Nyack em show especial no Encontro Black 2026, que celebra o Dia da Consciência Negra com feira afro-empreendedora, *breaking* e *graffiti* ao vivo, no Museu da Cultura Hip Hop RS (Parque dos Nativos, 545). Entrada franca, com reserva pelo Sympla.

20h - Espetáculo *A Virgem Vermelha*, nova montagem da Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela, aborda a história real da ativista espanhola Hildegard Rodríguez. Na Kza Terezinha (Rua Santa Teresinha, 711). R$ 60,00 no Sympla. Repete sábado, 20h.

20h - Espetáculo *Abdias do Nascimento* aborda a trajetória do escritor e ativista negro no Teatro Bruno Kiefer da CCMQ (Andradas, 736). Gratuito, senhas uma hora antes do espetáculo, na bilheteria.

21h - Cris Crochemore e o Luciano Leães Trio abrem a noite de blues, seguidos às 22h30min por Sax Gordon, saxofonista norte-americano, acompanhado da banda de Luciano Leães, no Grezz (Alm. Barroso, 328). A partir de R$ 35,00 no Sympla.

21h - Multi-instrumentista nigeriano Ìdòwú Akínrúlí conduz o *Especial Fela Kuti: The Black President*. Abertura de Jessie Jazz e discotecagem do DJ Gê Power. No Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). A partir de R$ 40,00 pelo Tri.RS.

SÁBADO, 21 DE NOVEMBRO

Das 10h às 00h - Brick de Desapegos comemora 15 anos com feira no Clube do Comércio (Andradas, 1.085). Oficinas, leilão, baile de debutantes, além de opções de gastronomia. Ingressos pelo Sympla.

16h - Breno Ruiz canta e narra detalhes da carreira em entrevista-show para o projeto Obras Comentadas. Mediação de Felipe Antunes e participação de Alice Passos. Acesso gratuito pelo canal de Felipe Antunes no YouTube.

20h - Grupo de destaque no rap nacional, Haikaiss traz ao Opinião (José do Patrocínio, 834) a turnê *Veja Como o Tempo Voa*. R$ 85,00 (modalidade solidária), em terceiro lote, no Sympla.

20h - Esc Música promove Terapia Acústica, com feirinha de arte e música e shows de Ruína Days, Scopo e Xico Chagas. No Espaço Marcelina (Rua do Parque, 213). A partir de R$ 25,00 pelo Sympla.

DOMINGO, 22 DE NOVEMBRO

11h - Ospa Jovem apresenta concerto com solo de violino e clássicos de Mozart e Beethoven na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). Gratuito, por ordem de chegada.

16h - O Samba de Lá reúne a roda de samba do SPN (Samba Pra Namorar) e o Bloco do Cururu, com samba de raiz, partido-alto e samba-enredo, e participação especial do DJ Kafu, no Grezz (Alm. Barroso, 328). A partir de R$ 15,00 no Sympla.

19h - Banda das Ovelhas Desgarradas, projeto que homenageia as mulheres na música, faz apresentação no Teatro Bancários RS (Fernando Machado, 820). Entre R$ 25,00 e R$ 70,00 no Sympla.

19h - Nina Fola traz músicas próprias e temas de Djavan e Giba Giba no Teatro Bruno Kiefer (Andradas, 736). Gratuito, senhas às 18h.

20h - Whindersson Nunes apresenta o espetáculo *Isso Definitivamente Não É Um Culto* no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). Entre R$ 60,00 e R$ 260,00 pelo Sympla.

reportagem cultural

Memórias de família



ARQUIVO PESSOAL PETER DULLIUS E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC

Rafael Gloria, especial para o JC*

Melissa conta que o pai nasceu em uma família de agricultores em Cruzeiro do Sul, e tinha quatro irmãos. Peter queria estudar, sempre gostou de ler, e encontrou apoio na mãe para deixar a casa onde crescera. Entre as histórias que ouviu, ela guarda a de uma partida com um colchão enrolado. Primeiro, ele foi para um internato na cidade de Estrela e, depois, para Porto Alegre.

"Não sei exatamente qual era a idade do pai quando foi para a Capital. Mas ele tinha algum contato e conseguiu lugar em uma pensão e depois um trabalho na extinta CRT. Ele me contou que tinha uma relação com essa pessoa que ajudou ele, que foi uma espécie de mentor", diz. Melissa não sabe dizer o que levou o pai a escolher cursar Economia. Lembra do trabalho no banco de desenvolvimento do Rio Grande do Sul, ligado ao financiamento de projetos de empresas. Ela aproxima a capacidade do pai de imaginar e construir projetos dessa experiência anterior ao que ele faria depois, no Beco.

Foi em um baile no Vale do Taquari que Peter conheceu Neiva. Casaram-se em julho de 1977. Melissa conta que eles queriam se casar em 7/7/77, mas, segundo ela, tanta gente escolheu aquela data que o casamento ficou para o dia seguinte.

A filha lembra de uma viagem para Alemanha, quando Peter já trabalhava no Badesul. Ela guarda uma fotografia em preto e branco do grupo de estudantes com quem o pai esteve em Stuttgart. A família de Peter era de origem alemã e mantinha no Interior o uso de um dialeto, que ele compreendia. Quando ele foi visitar a filha em Berlim, muitos anos depois, Peter entendia o que ouvia, embora falasse com timidez.

A ideia do Beco dos Livros foi surgindo aos poucos. Quando Gustavo entrou na escola, Neiva queria voltar a trabalhar. Melissa lembra que discutiram outras possibilidades, inclusive um mercadinho, antes de escolher a livraria. "Nós brincávamos de livraria e loja de discos em casa. Acabamos vendendo livros, continuamos quase que brincando", diz Melissa. Os filhos contam que, nos primeiros meses, era a mãe e eles que cuidavam da loja, pois Peter estava saindo do banco. Foi uma transição.

Melissa conta que o pai tinha memória para datas e brincava com a inauguração do Beco, que foi em 29 de fevereiro de 1992: "A livraria, na verdade, não tem tantos anos porque foi ano bissexto", ele costumava dizer.

Os três filhos estudavam no Colégio Rosário. Pelas contas que Melissa faz hoje, as mensalidades, ela acredita, deveriam consumir quase todo o salário do pai. O sebo mudou a situação financeira da família e passou a ocupar boa parte do tempo de todos. "A gente teve uma ascensão com um sebo. Isso é incrível".

Peter e Neiva continuaram trabalhando juntos enquanto se separavam. Melissa prestava vestibular naquele ano e lembra que foi um período difícil. Mais tarde, Neiva se casou novamente e se mudou. Guilherme, o filho mais velho, seguiu trabalhando no Beco, onde segue mantendo o legado de Peter.

ARQUIVO PESSOAL PETER DULLIUS E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC



Peter Dullius em viagem pela Europa com a família: Beco dos Livros marcou rotina de todos durante décadas

ARQUIVO PESSOAL PETER DULLIUS E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC



Peter Dullius mantinha o hábito de abrir o sebo em fins de semana e feriados

Aptidão para os livros

Os filhos citam um autor de sua formação: Karl May, que leu no internato e de cuja biblioteca afirma ter lido todos os livros. O autor Somerset Maugham era outro escritor bem representado na estante da biblioteca da casa, eles dizem, já antes da fundação do sebo. Dos brasileiros, eles citam Machado de Assis e João do Rio. Também Pitigrilli foi um autor que Peter costumava citar quando lhe perguntavam sobre suas leituras.

O conhecimento do livreiro também se ampliava na prática. Melissa conta a compra de uma biblioteca jurídica que lhe pareceu enorme, com milhares de volumes e obras antigas. Peter se dispôs a entender o conjunto. Era necessário aprender sobre aqueles livros para trabalhar com eles. As viagens para buscar o acervo e o contato com advogados e desembargadores abriram uma área de interesse que passou a atrair novos clientes.

Um deles foi Alexandre Wunderlich, advogado e professor de Direito Penal Empresarial. Ele conheceu o Beco na rua Riachuelo, no início dos anos 1990, quando começou a montar uma biblioteca jurídica para advogar e lecionar. Ali encontrou Peter. Mesmo quando o escritório mudou do Centro para o Moinhos de Vento e as visitas ficaram menos frequentes, o contato continuou.

"Ele conhecia os livros e sabia todas as suas localizações nas largas prateleiras", lembra Wunderlich. Para o professor, o sebo participou da formação de muita gente do Direito de sua geração. A família aprendia a lidar com bibliotecas recém-adquiridas enquanto os clientes encontravam ali material para construir as suas. "Sou um cliente de três décadas. E sempre fiz propaganda do Beco, por entender que a venda de livros usados não é só um negócio, é a continuidade de uma rica tradição da leitura do livro físico. Por isso sempre vi o Beco dos Livros como um santuário, um templo de devoção à literatura", diz Wunderlich.

Entre as tarefas diárias de Peter estava examinar e preparar os livros. O valor ficava registrado no exemplar e era o mesmo para todos, mas havia espaço para desconto conforme a necessidade de quem comprava.

O trabalho, contudo, também passou por períodos em que o encontro presencial ficou suspenso. Durante a pandemia, Peter continuou realizando tarefas dentro da loja, sem o movimento que costumava animá-lo. Para Melissa, que vê o pai como alguém cuja vida se organizava em torno dessas interações, aquele isolamento foi particularmente difícil. Havia livros para cuidar, mas faltavam as pessoas com quem ele dividia o dia. As vendas pela internet ajudaram a sustentar o negócio nas interrupções da pandemia e da enchente de 2024, conforme os filhos relatam. O Beco já comercializava livros online há bastante tempo.

Durante as enchentes, na loja da Andradas, os degraus da entrada impediram que a água avançasse para o interior. No relato dos filhos, Peter havia insistido em manter o piso mais alto durante a reforma, apesar da resistência da arquiteta à escada no acesso. A escolha acabou se demonstrando certeira. Quando voltou ao Brasil em 2025, Melissa se impressionou com a recuperação da parte do Centro que pôde visitar. O pai estava novamente no território onde queria estar.

O mundo entre os Becos

Na Rua dos Andradas, perto da Casa de Cultura Mario Quintana, Peter imaginou uma livraria onde havia um prédio deteriorado. Os filhos descrevem uma construção da qual a fachada era a parte preservada. Ele conduziu a reforma, acompanhando a estrutura e os detalhes, entre eles os adornos e a sacada de ferro. A serralheria também lhe interessava. O resultado foi uma loja de três pisos dentro de um edifício antigo do Centro.

Para a família, aquele era um projeto do coração. A Rua da Praia oferecia a possibilidade de receber quem passeava pela região, visitava a Casa de Cultura ou seguia em direção à Usina do Gasômetro. Com o tempo, abrir aos domingos e feriados se tornou parte dessa escolha. Melissa lembra especialmente do entusiasmo com as crianças levadas pela mão que nunca tinham visto uma livraria. O pai contava essas visitas e se alegrava com o espanto dos pequenos diante dos livros. A abertura da loja nos dias de descanso de outros trabalhadores dava a Peter a oportunidade desses encontros.

A cidade que Peter frequentava se concentrava nas imediações de seu trabalho. Era corriqueiro vê-lo circular entre os endereços do Beco, e suas relações se mantinham por ali. Os fornecedores incluíam pessoas que recolhiam papel para reciclagem e gente que chegava para vender ou trocar livros. Clientes se tornaram amigos. Outros livreiros também faziam parte das visitas e das conversas.

Isatir Bottin Filho, da Livraria Isasul, recorda a proximidade entre as lojas, uma em frente à outra, na Riachuelo, e as visitas frequentes do colega. "Tinha uma memória impressionante para títulos, autores e edições", diz. A lembrança profissional vem acompanhada do amigo que chegava de bom humor, pronto para uma brincadeira. Para Isatir, Peter reunia conhecimento de livros e facilidade para tornar os encontros mais alegres.

ARQUIVO PESSOAL PETER DULLIUS E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC



Fundada em 1992, Beco dos Livros tornou-se referência para leitores do Estado

O ano inteiro pensando na Feira

Peter separava livros para a Feira de Porto Alegre ao longo do ano. Guardava saldos para as caixas e preparava o período em que a Praça da Alfândega recebe bancas e leitores. Os filhos descrevem o evento como seu momento preferido, uma concentração do movimento ao qual dedicava os outros meses.

Segundo os filhos, ao final de cada dia de Feira, Peter anotava as vendas e as condições do tempo em tabelas de papel milimetrado. Fascinado por meteorologia, acompanhava a relação entre o tempo e o movimento das vendas. Até por isso, o beco participou ativamente da Feira deste ano. Segundo Guilherme, quem tem uma livraria com livros usados depende da feira. "Ela é as férias, o 13º, o Natal e o Dia das Crianças da livraria", diz.

Associado à Câmara Rio-Grandense do Livro desde 1994, Peter se tornou uma presença reconhecida no setor. A presidente da entidade, Roseni Siqueira Kohlmann, destaca a trajetória à frente do Beco e a contribuição para manter a relação entre leitores e livrarias. "Peter Dullius foi uma figura muito importante para o mercado livreiro de Porto Alegre, não apenas pela trajetória à frente do Beco dos Livros, mas também pela paixão e pelo entusiasmo com que sempre viveu o universo dos livros. Como associado da Câmara Rio-Grandense do Livro, contribuiu para fortalecer o setor e manter viva a relação entre os leitores e as livrarias. Sua

TÂNIA MEINERZ/JC



Filho Guilherme assumiu o negócio: "sempre tem uma história nova do pai"

presença, seu espírito empreendedor e seu amor pela literatura deixam uma marca na história do nosso mercado editorial. Peter fará muita falta, mas seu legado seguirá presente na memória de todos que tiveram o privilégio de conviver com ele", diz.

Nóia Kern, que trabalha há muitos anos no balcão de informações da Feira do Livro, lembra da primeira impressão que teve dele. Pela altura e pelo jeito, imaginou que fosse um visitante holandês ou alemão. A aproximação mostrou um livreiro a quem podia recorrer quando precisava de uma informação mais detalhada. "Era uma pessoa sempre de bom humor, uma pessoa com um conhecimento impressionante, no que se refere a livros e ao que se refere à questão da compra de acervos e a qualificação dos acervos. Ele tinha muita competência nisso. Agora nos últimos tempos, com uma proximidade um pouco maior, eu fui descobrindo um homem de bem com a vida. Uma pessoa que sorria pouco, mas parecia que ele vivia sorrindo", aponta.

A continuidade do trabalho segue com o filho Guilherme, que trabalha no Beco dos Livros desde a adolescência. "O trabalho e o legado das livrarias continua", diz. Ele conta que na Feira vários clientes do Beco dos Livros chegavam para conversar sobre Peter. "Todo dia tinha histórias, e várias que eu não conhecia. Lembro que um dia veio um rapaz com a camisa do Inter na banca. O meu pai era gremista. E o rapaz disse que tinha um filho chamado Andrés D'alessandro [homenagem ao famoso ex-jogador do Inter] e que eles iam sempre na livraria no fim de semana. Meu pai sempre dava coisas, presentes, do Inter para ele. Todo dia surge uma história nova sobre ele", conta.

Peter e Leona

Quando precisava descobrir quanto valia um livro raro, Leona Nunes recorria a Peter Dullius. Os dois foram companheiros e continuaram próximos depois que deixaram de ser um casal. "Eles eram muito amigos", diz Melissa. Na época em que trabalhava de dia com Peter, Leona abria à noite um bar com sinuca na rua Riachuelo. Às vezes, às quatro da manhã, ainda havia gente pedindo mais uma saideira. Em 2014, no ano em que nasceu Beatriz, sua filha, Leona trocou o bar pelo Sebo Café Riachuelo, ao lado de uma das lojas do Beco.

Peter ajudou a montar o sebo, doando livros. "Eu sempre gostei de livros, mas foi ele que me passou essa paixão de trabalhar com os livros", diz ela.

Quando Leona buscava Beatriz na escolinha e ainda precisava trabalhar, a menina ficava com Peter até a mãe fechar o bar. Ele ensinava Beatriz a tocar violão e a montar quebra-cabeças. Melissa lembra de uma foto do pai com Beatriz e Bernardo no colo. Os dois filhos de Leona, diz ela, eram como netos para Peter.

A sinuca continuou depois que o bar deu lugar aos livros. Às segundas-feiras, quando Leona fechava as lojas, os dois pegavam um Uber para jogar na Cidade Baixa. "Era uma tradição da sinuquinha, com churrasquinho", conta ela. Num torneio, os dois acabaram se enfrentando. Leona lembra que estava num dia ruim e pensou que seria eliminada. Depois de uma tacada, ouviu Peter chamá-la como de costume. "Ai, fofa, pegou na bola oito". Peter acabou eliminado, e Leona ganhou o torneio.

No dia em que ia montar uma feira em São Leopoldo, Leona fez um chimarrão e chamou Peter para sentar ali na frente e pegar um pouco de sol, algo que eles costumavam fazer. "Então, se você perguntar o que ele foi para mim: ele foi meu melhor amigo, meu anjo da guarda, meu companheiro, o pai que eu não tive, resumindo em poucas palavras, ele era tudo. Uma definição de amor e cuidado", conclui.

Rafael Gloria *é jornalista, mestre em comunicação (Ufrgs), mestrando em Escrita Criativa (Pucrs) e diretor executivo da Associação Cultural Nonada Jornalismo*

nas telas

LIONSGATE/REPRODUÇÃO/JC



***Amanhecer na Colheita* é o sexto filme da franquia e segundo na cronologia da série**

Novo filme da saga *Jogos Vorazes*: brutalidade e revolução

Andressa Pufal

Sexto filme da franquia *Jogos Vorazes, Amanhecer na Colheita* chega aos cinemas nesta quinta-feira. O prelúdio acompanha a juventude de Haymitch Abernathy, segundo vencedor dos Jogos Vorazes do Distrito 12 — personagem já conhecido pelos fãs da saga original (quando foi interpretado por Woody Harrelson). Antes de se tornar o mentor carrancudo e beberrão de Katniss e Peeta, o jovem Haymitch (vivido agora por Joseph Zada) passou por situações difíceis que moldaram sua personalidade singular.

A trama se passa no universo distópico de Panem 24 anos antes dos eventos do primeiro filme. *Amanhecer na Colheita* traz a história da 50ª edição dos Jogos Vorazes, conhecida como o segundo Massacre Quaternário. O longa é o segundo na cronologia da saga, depois de *A Cantiga dos Pássaros e das Serpentes* (2023). O sexto filme da série revela os acontecimentos que levaram Haymitch à vitória do segundo Massacre Quaternário, aos 16 anos. Em uma atuação esplêndida de Zada, Haymitch transmite toda a dor de quem é assolado pela culpa e pelo luto desde muito cedo, em um filme que é considerado como o mais doloroso e brutal de toda a franquia, com cenas de mortes bastante frequentes durante os 158 minutos de projeção. A química entre Zada e Whitney Peak, atriz que dá vida à sua namorada Lenore Dove, dá o toque de leveza que um filme tão agressivo certamente precisa. A boa atuação dos protagonistas fornece um balanço equilibrado com os personagens secundários, que em alguns momentos exageram na dramatização.

Mais do que um filme de ação muito bem executado, com exuberantes cenas de explosões e belos cenários retro-futuristas (que, por vezes, pecam no uso excessivo de CGIs muito perceptíveis), *Jogos Vorazes - Amanhecer na Colheita* traz uma mensagem forte sobre submissão e resignação. O consagrado Jesse Plemons, que dá vida a Plutarch Heavensbee nesta prequela, é a figura que acende a chama da resistência dentro do jovem Haymitch.

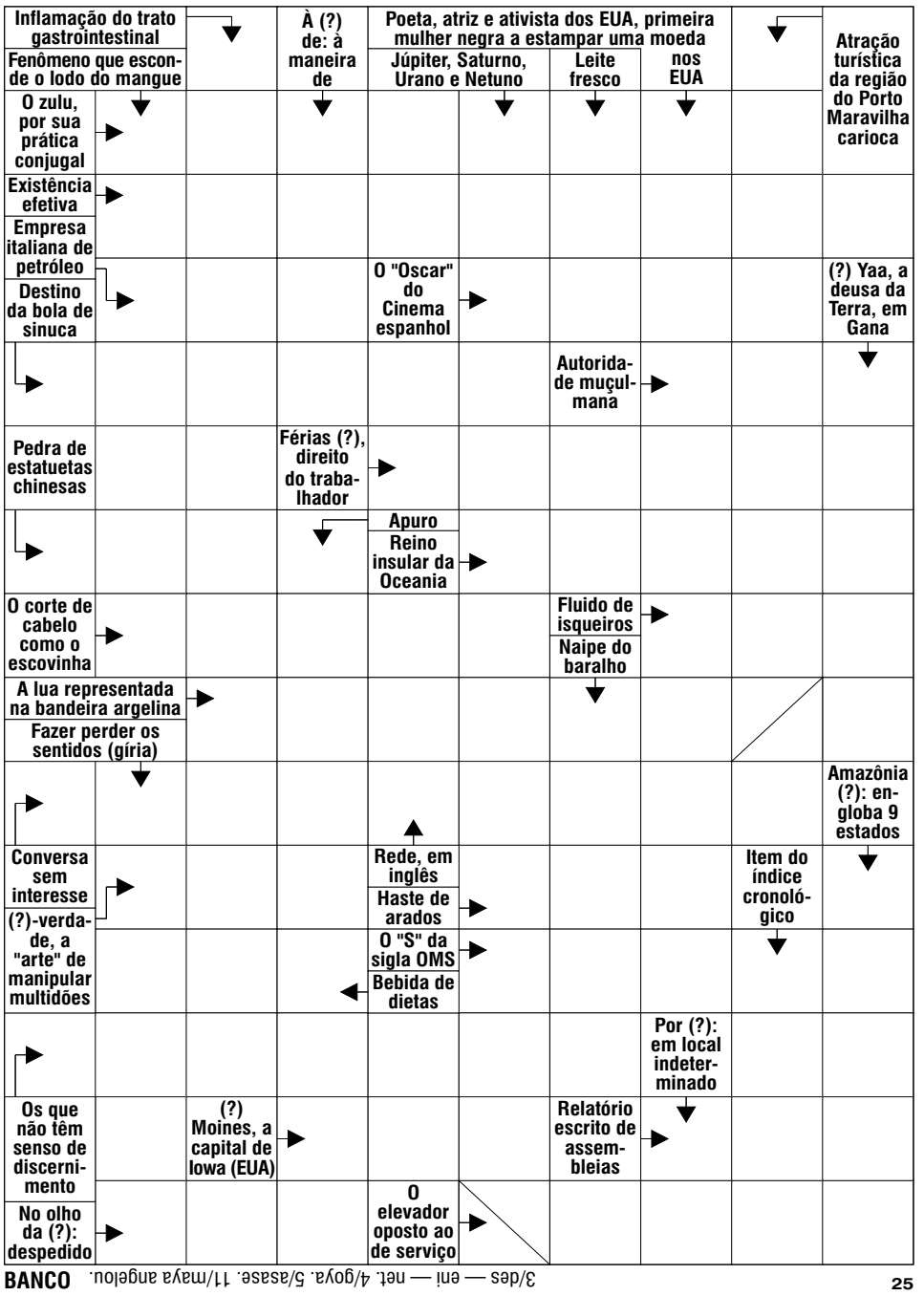
"A arena é uma máquina. E toda máquina pode ser quebrada", diz o então cinegrafista do Distrito 12 — que mais tarde seria convidado para o cargo de idealizador dos jogos. A figura quieta e solene de Plutarch atua como uma engrenagem quebrada nesta máquina de morte, plantando, de dentro do sistema, as sementes da revolução em alguns jogadores.

Glenn Close também dá um show de atuação no papel de Drusilla Sickle, a insegura, comicamente plastificada, mesquinha e esnobe acompanhante dos tributos do Distrito 12. A atriz consegue demonstrar a perversidade da personagem como forma de camuflar suas próprias vulnerabilidades.

À primeira vista, o tom melancólico do filme parece nos mostrar que não há esperanças — quem tenta sabotar o sistema e quebrar a máquina, acaba sendo destruído por ela. Haymitch sofre, se isola, perde tudo o que conhecia e quase desiste da luta. É aí que Plutarch o relembra que "até o menor dos sucessos é capaz de manter acesa a chama da resistência". A partir dessa fala decisiva, o filme nos mostra que o êxito não vem de uma vez só, mas é construído na perseverança de pequenos atos.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL



BANCO 3/des — eni — net. 4/goya. 5/asase. 11/maya angelou.

25



Solução

	R	U	A	S	O	C	I	A	L
	A		D	E	S		A	T	A
I	G	N	A	R	O	S		A	G
	A	H	C		S	A	U	D	E
	P	O	S		A	P	O		L
P	A	R	A	N	G	O	L	E	
	C	R	E	S	C	E	N	T	E
	R	E	N	T	E		G	A	S
J	A	D	E		T	O	N	G	A
	M	A		A	N	U	A	I	S
C	A	Ç	A	P	A		A	G	A
	E	N	I		G	O	Y	A	
	R	E	A	L	I	D	A	D	E
	P	O	L	I	G	A	M	O	
		D						R	

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Momento de tensão na vida amorosa. Os desejos afetivos são contrariados pela pessoa amada. Você não gosta desse tipo de situação, e tende a reagir bastante mal.

Touro: Os conflitos deságuam no ambiente doméstico e de trabalho. Resolva questões difíceis com agilidade e objetividade, evitando aumentar a tensão que já está presente.

Gêmeos: O cotidiano traz situações de tensão e pressão, exigindo você se desdobrar. Ao forçar certas situações, poderá complicá-las mais ainda, vindo a causar prejuízos variados.

Câncer: Os sentimentos amorosos tornam-se exaltados e de uma urgência descabida. Toda paixão lhe parece urgente, tudo lhe parece motivo de paixão. Veja se é isso mesmo.

Leão: Um dia de conflito com os familiares, pois cada um impõe seus motivos sem considerar a outra parte. Você não quer que se intrometam em seus assuntos pessoais.

Virgem: Se há contratempos que hoje se impõem sobre sua ordem de vida, procure acomodá-los o melhor que puder. O importante é você não perder totalmente seu espaço pessoal.

Libra: O aspecto tenso afasta a possibilidade dos amigos ajudarem nos negócios financeiros. Mantenha estes assuntos apartados. Os desafios lhe atraem, mas terminam em prejuízo.

Escorpião: Você quer que sua vontade prevaleça, o que talvez não seja possível, ainda mais diante de autoridades. É preciso reconhecer o tamanho e a força de cada um de vocês.

Sagitário: Tendência a reagir com violência a qualquer situação, pois todas lhe soarão desafiadoras. A ordem dos acontecimentos parece ir contra seus desejos e sua vontade pessoal.

Capricórnio: Fortes conflitos entre os negócios e os amigos. É aconselhável manter distância entre estes assuntos. Você pode se ressentir por julgar a vontade dos outros maior que a sua.

Aquário: As responsabilidades assumidas nos relacionamentos geram grande tensão e conflito. Só obedecer ou só mandar não irá resolver bem a situação. É preciso o meio termo.

Peixes: A mudança de direção complica os afazeres profissionais e de rotina. É melhor firmar uma direção antes de sair fazendo as coisas, ou desperdiçará muita energia por nada.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Autobiografia afetiva de uma geração

O multipremiado jornalista, escritor, poeta, palestrante, influenciador digital, cronista e comentarista de rádio e TV Fabrício Carpinejar acaba de lançar seu 57º livro, *No meu tempo, eu era melhor* (Bertrand Brasil, 496 pág, R$ 62,90). O livro é um romance de crônicas, o almanaque do comportamento dos anos 1970 e 1980, um resgate detalhado, carinhoso e emocionante de hábitos extintos e substituídos pela tecnologia.

Com prefácio do nonagenário Ignácio de Loyola Brandão, o livro traz 178 *flashes* do cotidiano que compõem uma autobiografia afetiva de uma geração. A geração sanduíche, aquela que foi a última a nascer analógica e a primeira a abraçar a era digital e aquela que cuida, ao mesmo tempo, dos pais e dos filhos. Muita gente queria ter nascido naqueles 1970-80, quando o rock era jovem.

Carpinejar escreve principalmente para os que tem mais de quarenta, para os que viviam em casas onde havia intimidade, brincavam na rua e namoravam no portão. Botijões de gás vestidos, capas de LPs, roupas no varal, ponta de caneta Bic rebobinando fita K7 , galocha preta cobrindo o sapato, tênis Conga, desfile em semana da pátria, isso tudo fazia parte de um mundo que existe na memória, onde as coisas acontecem muitas vezes.

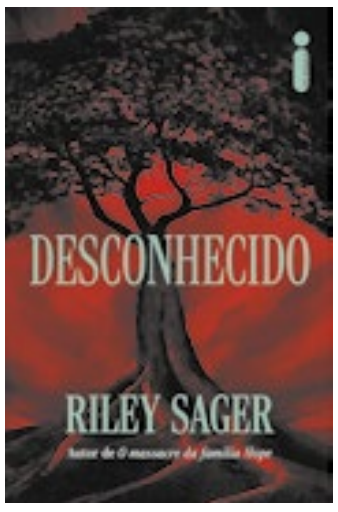
Carpinejar escreveu vários *best-sellers*, já vendeu mais de um milhão de livros, ganhou mais de vinte prêmios literários (incluindo dois Jabutis) e tornou-se uma das vozes mais queridas do Brasil, registrando as pequenas grandes coisas do cotidiano das pessoas.

Ele fala de infância, juventude, família, irmãos, mãe, pai, vovôs, tempos de escola, amigos, trabalho, casamento, luto, espiritualidade e outras essências e aí, lendo seus textos, vamos nos reencontrando conosco e com os outros, tornando-nos todos Carpinejar nos escaninhos mágicos da memória, que de vez em quando até a inventamos, para ver de outra forma o passado e vislumbrar diferente o futuro.

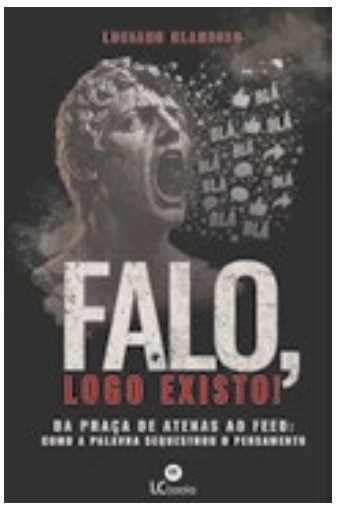


"O tempo é só um ponto de vista dos relógios", escreveu Mario Quintana, imortal na alma e na boca do povo. Nos anos 1970-80 os relógios eram mais elegantes e calmos e os ponteiros costuravam as horas com menos pressa, não é, Carpinejar?

Lançamentos



› **Desconhecido** (Editora Intrínseca, 384 pág, R$ 69,90), de Riley Sager, autor de nove *best-sellers* do New York Times, consagrado autor do renomado livro *O massacre da família Hope*, traz uma história de muito suspense e cheia de *plot twists*, com base em uma história de 1926, na qual cinco mulheres desapareceram misteriosamente numa ilha remota. Cem anos depois, os espíritos decidem reescrever o acontecido...



› **Falo, logo existo!** (LC Books Editora, 208 pág), de Luciano Claudino, consultor de investimentos e estrategista político, mostra como, desde a praça de Atenas ao *feed*, a palavra sequestrou o pensamento, o formato venceu o conteúdo, o confiante derrotou o competente e todo mundo acha que está pensando quando está apenas reagindo. Qual foi a última vez que você mudou de ideia numa discussão?



› **Renascimento** (Cinco Gatas, 122 pág), de Mônica Becker Dahlem, jornalista, publicitária e escritora, mostra que sempre dá tempo para escrever uma nova história. São contos escritos com sensibilidade, coragem e sem pudor sobre família,relacionamentos, ambientes e acontecimentos que a autora resolveu registrar. A apresentação elogiosa é assinada do advogado e escritor Eduardo Battaglia Krause.

e palavras...

GRAMADO E CANELA NOS TEMPOS DO BOA-NOITE

Nasci na serrana, gloriosa e eternamente florescente Bento Gonçalves, um dos diamantes da Serra Gaúcha. Aos doze anos, em 1966, vim com a família para Porto Alegre, morar no coração hebraico da metrópole, na rua Felipe Camarão, ao lado do DROR, entidade israelita. Me tornei o *gut-goi*, conhecido e respeitado pela comunidade dos patrícios e fora dela. Shalom!

Lá pelos inícios dos anos 1970 tive a alegria de conhecer Nova Petrópolis, Canela, Gramado e adjacências, que eram como irmãs de Bento. Europa sem passaporte, pinheiros, jardins e hortênsias maravilhosos, carros estacionados com vidros abertos nas noites seguras, portas e janelas das casas apenas encostadas, nada de guardadores de carros, estacionamento pago, mendigos, trombadinhas e entregadores de convites para venda de quotas de *time sharing*, apartamentos, planos de viagem, almoços, jantares e outros negócios maravilhosos e duvidosos.

À noite, no centro de Gramado e Canela, o silêncio, a chuva, o luar, a neblina e a segurança dominavam a cena, descansando as cidades para o movimento compassado e civilizado do dia seguinte. Turismo *slow*, *timing* tranquilo para comer galeto, churrasco, salsicha *bock*, *apfelstrudel*, café colonial e sair flanando pelas ruas do centro, ainda não abarrotadas de prédios de vários andares. O especulador é sempre mais rápido que o legislador. Isso é mais velho que andar a pé.

Quando eu tinha uns vinte anos, lá por 1974, resolvi passar uma semana sozinho em Gramado, em silêncio. Na chegada fui no hotelzinho simples no topo de uma colina perto do pórtico. Fui ligar o rádio-relógio, 110v. A tomada era 220v. Queimou. Nada de música, sons lindos de bandinhas alemãs e notícias, que na época não eram tão tenebrosas como agora. Coloquei a máquina de escrever sobre uma mesinha. Naquela semana até ela ficou quiteta.

Caminhava sem destino ou pressa, ficava horas e horas no Parque Knorr, lembrava minha Bento Gonçalves e me sentia sereno e tranquilo numa cidade que parecia funcionar tão bem quanto um relógio-cuco. Tudo em ordem, todo mundo bem vestido, alimentado, turistas com olhos de criança, restaurantes, bares e hotéis com preços razoáveis e o tempo parecendo dançar ao ritmo de valsa vienense.

Esses tempos passei cinco dias sozinho em Bento Gonçalves, sem agenda, relógio, patrão ou roteiros. Único compromisso descompromissado era encontrar o Ademir Bacca, amigo do tempo que o Padre Mânica era jovem. Sem horário, normas ou protocolos.

Nessas últimas cinco décadas tenho ido bastante a Gramado, Bento e Canela. Indo lá acredito no Brasil que dá certo. Procuro fugir dos engarrafamentos, das superlotações e dos problemas "urbanos" das grandes cidades. Melhor ficar a um ou dois quilômetros do centro e aproveitar a natureza, a calma e pensar que está nos anos 1970, tempo do Boa Noite.

A propósito

Para quem não sabe ou não lembra, o Boa Noite é a espiral verde que solta fumaça para espantar mosquitos e pernilongos. Por vezes espanta o consumidor, se estiver em ambiente fechado e não ventilado. Não espanta o penislongo, que é o inseto que engravida. O Boa Noite tem 78 anos, é uma instituição do verão gaúcho e, na embalagem antiga, tinha um velho careca mordido por insetos, dando chineladas neles e, embaixo, uma imagem com o mesmo careca dormindo como um bebê nos braços do Morfeu, deus dos sonhos, filho de Hipnos e neto de Nix. **(Jaime Cimenti)**

sangue novo

Entre a rua e o estúdio, o porquê da Templô

Joana Luna Camargo

Lucca Missio compunha poemas desde a adolescência e participava de concursos de poesia quando, entre 2018 e 2019, começou a tentar, como lembra, "ao invés de escrever com a caneta, escrever com um violão na mão". Dessa passagem nasceu, no início de 2024, a Templô, banda de Passo Fundo que ele lidera e que, em 13 de dezembro, no Parque da Gare, encerra o Rock na Rua - projeto de shows gratuitos por bairros da cidade. Antes disso, o grupo toca neste sábado no Babel Studio Bar (Princesa Isabel, 360 - Passo Fundo), com a porto-alegrense Shaun, e no dia 27 no Batatas (Independência, 560 - Passo Fundo), enquanto finaliza o primeiro disco, *O Porquê dos Porquês*, previsto para janeiro de 2027.

A ideia da banda veio quando Lucca, responsável pela voz e violão, quis tirar da gaveta suas canções autorais. Os músicos vieram por indicação, e a formação, que já trocou de guitarrista e de baterista, hoje reúne Andrey Jardim na guitarra, Jean Messina no baixo, Diego Souza na bateria e, no teclado, Bruno Philippsen, produtor de todos os lançamentos. Tainá Corrêa, produtora executiva, completa o time como sexta integrante. O nome meio místico surgiu durante uma conversa em que eles folheavam livros e dicionários em busca de palavras, até encontrar "templo", que remetia a lar e aconchego. O acento foi agregado para dar o peso que buscavam para a identidade do som.

Na bagagem musical, Lucca trazia Tim Bernardes, O Terno, The Beatles, The Rolling Stones e Johnny Cash, referências que, na Templô, ganharam a companhia de Gilberto Gil, diversas brasilidades e nomes da cena autoral gaúcha. A mistura do que cada integrante ouve e toca resultou no folk, blues e MPB que o quinteto usa para se apresentar, embora, explicam, o som não seja só rock e tenha um lado experimental difícil de resumir.

As letras saem de uma escrita constante. Tudo o que Lucca vive, sente e atravessa no dia a dia vira matéria para os versos. Intimista e à flor da pele, como a banda resume, o repertório costuma lançar perguntas e respondê-las dentro da própria música. Esse estilo de linguagem estreou em 2024, com o single *Mais Um Dia Com Você*, que depois integrou o EP *Minha Vida em Cartaz*, ambos gravados no Estúdio Dom Rodolfo com produção de Bruno. As cinco faixas do EP foram pensadas como um filme, e as canções funcionam como páginas de um diário.

No fim de 2025, o quinteto levou esse repertório para a rua por meio do Rock na Rua, projeto

LEO ZANELLA/DIVULGAÇÃO/JC



Banda de Passo Fundo tem lançamento de disco previsto para janeiro de 2027

contemplado pela Política Nacional Aldir Blanc. A iniciativa, que chega em dezembro à décima e última edição, passou por bairros periféricos de Passo Fundo - como Bom Jesus e Independente II - sempre com palco, artistas convidados, feira de economia criativa e *food truck*. A experiência, avalia o vocalista, fez o grupo perceber "o quão importante é a cultura para quem geralmente não acessa". Na mesma linha, o próximo passo é o Música para Todos, projeto com incentivo municipal no qual lares de idosos, escolas e ONGs devem receber shows a partir do primeiro semestre de 2027.

Enquanto circula, a banda está em processo final d'*O Porquê dos Porquês*, que leva o nome de uma das 13 faixas e reúne composições que já estavam prontas e outras que ganharam forma nos ensaios, trabalhadas sem pressa. Diferentemente do EP, montado com as músicas que mais combinavam com o que o público poderia esperar, o disco segue por caminhos mais experimentais, que a própria Templô não sabe se vão agradar numa cidade onde ainda há pouco espaço para o autoral. "Não é barbada, não é fácil, mas é muito lindo (se dedicar a) isso", diz.

qual é a boa?

Procurando boas dicas culturais para esse feriado? A redação do Jornal do Comércio une esforços e traz sugestões de como aproveitar a movimentada agenda cultural deste final de ano. Tem um pouco de tudo, para todos os gostos - até para quem prefere ficar em casa!

ARTUR KOCH/JC



Nesta sexta-feira, a Fresno volta a Porto Alegre com a turnê do novo disco, *Carta de Adeus*. Depois do histórico show na Redenção, em maio, com cerca de 70 mil pessoas, a banda gaúcha sobe ao palco do Araújo Vianna apresentando novas canções e clássicos dos mais de 25 anos de carreira. E como da última vez, o grupo traz à cidade uma versão *pop-up* da loja Fresno1999, no 4Beer do 4º Distrito. Vale garantir o *merch* oficial e ter a chance de encontrar Lucas, Vavo e Guerra, que prometeram uma visita. Ela abre já nesta quinta, a partir das 11h, e na sexta até as 20h. E um *spoiler*: vai rolar uma camiseta exclusiva para Porto Alegre estampada na hora pela Mouse Serigrafia.

Nathan Lemos, videomaker do JC

TÂNIA MEINERZ/JC



Quem vai ficar em Porto Alegre nesse feriado tem a oportunidade de curtir a cidade com mais calma, com trânsito tranquilo e sem correria - um ritmo desacelerado que combina bem com uma visita sem pressa a algumas das galerias e espaços de artes visuais da Capital. Eu, por exemplo, quero dar uma passada no Margs, para conferir a exposição *Romanita Disconzi — Panorâmica*, dedicada a uma das pioneiras no uso de mídias eletrônicas e ferramentas digitais nas artes plásticas do Sul do País. São três ambientes, repletos de obras que vão da gravura à videoarte, passando por diferentes tipos de arte digital. E é tudo de graça, ou seja, é só se programar e dar uma conferida.

Igor Natusch, editor de Cultura do JC

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Para marcar o Dia da Consciência Negra, Seu Jorge sobe ao palco do Bar Opinião nesta sexta-feira, às 20h. O músico percorre os sucessos de sua carreira em um espetáculo dedicado à celebração da cultura, identidade e potência afrobrasileira. Conhecido por desenvolver uma gramática musical marcada pela mistura de ritmos, o artista traz canções como *Burguesinha*, Mina do *Condomínio* e *Carolina*, numa noite de muito samba, MPB, soul, funk e bossa nova. Além dos clássicos, Seu Jorge também apresenta novos trabalhos, como *Baile à la Baiana* (2025), que mistura sons cariocas e baianos, e *The Other Side* (2026), gravado nos EUA, que explora a bossa nova e o jazz.

Andressa Pufal, repórter de Cultura-JC

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



"Eu não tô aqui para ser santa, não tô aqui para ser vítima, mas eu não sou o monstro que as pessoas ouvem falar." Assim começa *Suzane von Richthofen: O que o Tempo Não Apaga*, documentário recém-lançado pela Netflix sobre o assassinato de Manfred e Marísia von Richthofen, pais de Suzane, em 2002. Vale reservar 1h40min para assistir à produção, que já chegou cercada de polêmicas. Uma delas é a ausência de Andreas, irmão de Suzane. As declarações da protagonista ("Eu podia ter parado, mas eu não parei. Eu não consegui parar") provocaram tanta indignação que a diretora, Lygia M. Barbosa, precisou se explicar pelo documentário. E aí, vai assistir?

Cristine Pires, editora-assistente de Economia